



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do 3º Troféu Mesa Redonda da TV Gazeta**

São Paulo-SP, 29 de janeiro de 2007

Meu querido Flávio Prado,
Nosso querido Roberto Rivelino,
Nosso querido prefeito Kassab,
Meu querido ministro Orlando Silva,
Meu caro senhor Paulo Camarda, presidente da Fundação Cásper
Líbero, ausente por motivo de força maior,
Sérgio Felipe dos Santos, presidente geral da Fundação Cásper Líbero,
Meus amigos e minhas amigas,
Jogadores, técnicos, dirigentes,

Quando você chega à Presidência da República, a impressão que se tem é que não há mais nenhuma razão para você ficar nervoso ou emocionado em qualquer evento. Mas, como o ser humano reage às emoções a cada momento, mesmo em momentos que são inesperados, como chegar aqui e encontrar pessoas que habitualmente eu só via na televisão, ora vendo um jogo de futebol pela televisão, ora indo ao estádio onde a gente vê de longe. O Rivelino era muito pequenininho, a gente, lá de cima da arquibancada, via o Rivelino correr, via o Clodoaldo.

A admiração profunda que eu tenho pelo trabalho de alguns técnicos, e eles estão aqui presentes, porque não tem profissão mais ingrata que a de técnico: quando é campeão, tem todos os prêmios; quando perde, todas as vaias do mundo. Mas todo mundo também sabe que isso faz parte da vida, porque todo mundo conhece bem o mundo do futebol.

E a minha alegria de estar aqui, e a razão pela qual aceitei vir aqui,



saindo de Brasília, é apenas para significar um gesto para o povo brasileiro. Nós temos três coisas que, no Brasil, nivelam a sociedade, ricos e pobres, pretos e brancos, mulheres e homens, ou seja, não tem separação: um, é o carnaval, quem for ao carnaval, por qualquer lugar deste País, ao chegar num bloco, ali, você não sabe quem é quem, quanto ganha, filho de quem é, você sabe que a pessoa está se divertindo. A outra, é a praia. Não tem nada mais extraordinário do que uma praia. Obviamente que se você for olhar o iate, você vai perceber que tem alguém de uma origem social diferente. Mas ali, na areia, tomando banho de sol e batendo uma bola, todo mundo é igual, ninguém sabe quem é rico ou quem é pobre. E a outra é o futebol. Nada – e eu estava vendo o desfile dos meninos que ganharam os prêmios – nada é socialmente mais justo do que o futebol, porque são raras as profissões do mundo que permitem que um jovem, por mais humilde que seja, do lugar mais pobre deste País, tenha a possibilidade de virar uma personalidade importante da Seleção Brasileira, de um clube importante.

E é exatamente o futebol, essa coisa fantástica, em que a discriminação não é contra o pobre, foi contra o Fernandão, segundo o Alan Kardec, porque ele tinha o pai que tinha, nem deveria ser um grande fazendeiro, porque se fosse um grande fazendeiro, o Fernandão teria ido para Paris estudar, ou seja, era um médio proprietário e tinham preconceito contra ele, porque também é preconceito dizer: “Ah, o cara é filho de rico, não joga bola, isso é coisa para pobre”. Também não é verdade.

Na verdade, eu vim aqui apenas para dizer o seguinte: tem presidente da República ou governador – e eu acho que a vinda do Kassab aqui é uma coisa importante – e prefeitos que não gostam de dizer para que time torcem: “Ah, eu não torço para ninguém, eu torço para todos”. Olha, político que diz que torce para todos é mentiroso. É a mesma forma que jogador de bola, você vai jogar na várzea, chama o cidadão e fala: “Em que posição você joga?” “Jogo em todas”. Não joga em nenhuma. Não é isso, Felipão? Todo mundo sabe que



é assim.

E eu vim aqui para dizer exatamente isso, gente. Nós temos consciência de que o futebol brasileiro não é uma coisa pequena, como alguns querem dizer. O futebol brasileiro é uma paixão nacional, que está incrustada na alma e na consciência deste povo. O futebol brasileiro está definitivamente no cotidiano da nossa vida, nos nossos domingos, nas nossas segundas. Na segunda é mais grave porque a gente chora, como eu, Leão, depois de ver o Corinthians jogar sábado, nem brinca! De qualquer forma, como eu sou um homem que tem muita esperança, eu estou sempre no aguardo de dias melhores. Mas o futebol está na nossa vida.

Pois bem, hoje, como torcedor, como ser humano, eu acho fantástico um menino pobre da periferia aparecer no São Paulo, no Santos, no Palmeiras, no Corinthians, no Vasco, no Botafogo, no Bahia, no Vitória e de repente está ele com a camisa do Real Madrid, está ele com a camisa do Boca, do Benfica, está ele com a camisa de um time da Alemanha. Sabe, é uma coisa extraordinária, é a ascensão mais fantástica que um ser humano espera e isso o futebol proporciona.

Como torcedor eu fico triste, eu fico triste que os nossos times não tenham condições de segurar esses meninos no Brasil. Quando o São Paulo vira campeão como virou este ano, daqui há pouco o coitado do Murici vai ver dois, três, quatro, cinco, seis, que vão saindo, e vão saindo não é porque não gostam do São Paulo ou porque não gostam do Brasil, é porque é a oportunidade da vida deles, e todo mundo vive à procura da sua oportunidade.

Mas nós estamos querendo trabalhar e quem acompanha futebol aqui sabe que nós estamos tentando trabalhar para criar condições para que os times de futebol brasileiros possam ter uma administração mais forte, mais, eu diria, ousada e vigorosa, e que a gente possa manter esses profissionais, na sua grande maioria, no Brasil. Que saudade, não é, Leandro, do tempo da academia, em que todo mundo podia ficar aqui, do tempo do Santos, em que



todo mundo podia ficar aqui. Agora não fica.

Eu estava vendo, esses dias, o jogo da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo de Sub-20. A maioria daqueles meninos já vai embora, ou seja, eles foram criados e já vão embora. Se nós não criarmos as condições para que os times brasileiros, sobretudo os times que estão endividados, que se fossem utilizar a lei mesmo, não poderiam pagar e, portanto, quebrariam. Agora, como é que o governo não vai fazer um sacrifício para salvar esses times? Esses times não são uma empresa qualquer, esses times mexem com a cabeça de milhões e milhões de pessoas, fazem parte da cultura brasileira.

Imaginem o futebol brasileiro sem o Palmeiras, sem o São Paulo, sem o Santos, sem o Corinthians, sem o Vasco, sem o Cruzeiro, sem o Atlético, imaginem sem o Flamengo, sem o Botafogo. Então, é da responsabilidade do governo não virar as costas para os problemas dos times de futebol, porque é muito bom a gente participar das festas quando está tudo bem, mas é muito fácil também virar as costas quando os times estão precisando.

Eu fico imaginando, Abel, como é que pode o Brasil prescindir de um time como a Ponte Preta? Já faz parte da cultura deste País. Não é o governo tirar dinheiro do Estado brasileiro para dar, mas é o governo criar as condições para que esses times possam sobreviver, possam pagar melhor os seus jogadores, até porque tem gente que acha que jogador é mercenário. Eu não acho, eu acho que todo jogador é um artista e o artista cobra o preço que ele acha que merece e portanto, nós já tivemos na história do Brasil momentos em que verdadeiros artistas, extraordinários, poderia citar o time da Academia do Palmeiras, o time do Corinthians, o time do Santos, ou seja, jogadores excepcionais que jogaram 10 ou 15 anos e que continuaram numa vida razoável, porque não ficaram ricos.

Então, é preciso pagar bem esses meninos porque quem leva gente ao estádio não é o presidente do clube, é exatamente o jogador de futebol. E também não posso ficar aqui querendo que os clubes paguem o que não



podem pagar. Afinal de contas, é preciso que o Brasil se transforme num país mais rico para que a gente possa ter mais condições de fazer com que os nossos times possam arrecadar mais.

Então, eu saí de Brasília para vir aqui, Flávio, para dizer essas palavras e para dizer da minha admiração pelo Rivelino, lamentando que o Leão tenha sido um dos algozes, pelo menos na consciência do povo mais humilde, de que foi por causa daquele maldito Corinthians x Palmeiras que o Rivelino deixou o Corinthians e foi embora para o Fluminense.

De qualquer forma é um privilégio, Rivelino, eu que chorei e aplaudi, e nunca vaiei, mas tem parte da minha vida acompanhando a tua carreira, desde a tua estréia na Seleção Brasileira, em 1968, quando você substituiu o Gerson. Acho que entrou no segundo tempo e deu elástico no Beckenbauer. Desde esse tempo. Então, estar aqui com você eu acho que compensa, porque muita gente pensa que o papel do presidente da República é só ficar assinando decreto. Não! O papel do presidente da República é dizer para vocês: eu sou como vocês, tenho sentimento, tenho alma, choro, aplaudo, quando o time ganha eu fico feliz da vida.

Leão, pode ficar certo, o dia em que o Corinthians ganhar, mesmo que de um magrinho 1 a 0, você vai saber: o Presidente está feliz hoje. Agora, quando perder... Eu sou um azarado, porque eu sou convidado para entregar um prêmio quando o Corinthians não ganhou um. Tenho um filho que é fanático pelo Corinthians e, para o meu azar, está agora estagiando no São Paulo. Tenho um outro filho que era corintiano, a mulher o fez virar são-paulino. Tenho os meus melhores amigos palmeirenses, que me perturbam o tempo inteiro. E tem o Santos. Eu vim de Pernambuco com sete anos, fui para Santos em 1952 e não virei santista, fiquei corintiano, certamente por causa do 4º Centenário.

Então, eu quero que vocês saibam que é motivo de orgulho. Quero agradecer à direção da Gazeta. Quero agradecer a todos vocês, porque hoje



eu estou me sentindo um pouco mais gente. Não é aquela entrevista sempre pesada que um presidente tem que dar. Eu vim aqui para dizer, Abel, Leão, Filipão, Murici, Clodoaldo, Rogério – o Rogério é uma daquelas pessoas que a gente olha na cara e fala: além de jogador é um baita de um profissional, porque não basta ser jogador, é preciso ser profissional, porque nós, torcedores, não ficamos felizes apenas quando nosso time ganha. Torcedor gosta mesmo é do jogador que sua a camisa, é daquele que acredita que a bola é sempre possível. Aquele que a bola passa perto e ele vira as costas, esse não vai muito longe.

Eu me lembro do tempo, Leão, do Ademir da Guia e do Dudu, que eu tive a oportunidade de conhecer em São Bernardo do Campo, num jogo de amizade lá. Era uma figura fantástica, você não via aquele homem parado dentro de campo, ou seja, aquele homem se matava, porque era um misto de ganhar o seu salário mas, também, do prazer de jogar futebol. E isso o Rivelino fez, de forma extraordinária. Roberto Rivelino, você não sabe a alegria imensa de pegar este troféu e passar à mão daquele que foi o meu maior ídolo no futebol brasileiro.